

PEDRA: ENTRE O BEM E O MAL

STONE: BETWEEN GOOD AND EVIL

PIEDRA: ENTRE EL BIEN Y EL MAL

Ana Maria Nogueira¹

anna_m.nogueira@hotmail.com

Pós-graduação e escritora da Academia de Letras Celestin

Antônia G. A. Ameida Fouyer

gomesantonia1951@gmail.com

Doutora em Educação pela UCSP-Argentina

Adélia Nogueira Neta

netaadelianogueira@hotmail.com

Profa. pós-graduada e integrante da Fundação Celestin

Juliana Nogueira B. Silva

juliananogueirabarros@outlokk.com

Profa. pós-graduada e integrante da Fundação Celestin

Lúcia Neide Nogueira

nlucianeide582021@gmail.com

Profa. pós-graduada e integrante da Fundação Celestin

Maria de Lourdes Soares Ornellas

ornellas1@terra.com.br

Doutora em Psicologia da Educação. Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Mirian Nogueira Romão

romaomirian@yahoo.com.br

Pós-graduação e escritora da Academia de Letras Celestin

¹ Este artigo nasce de uma roda de conversa literária sobre o tema de modo que as autoras aqui fazem parte de um coletivo autoral.

Nasilda Nines N. Leite Samara
nasildanogueira@gmail.com

Professora da Rede Estadual de Ensino – PE.
Escritora pós-graduação e escritora da Academia de Letras Celestin

Mércia Soares Silvana
samara.so.ares@hotmail.com

Pós-graduação lato sensu e escritora da Academia de Letras Celestin

Silvana M. L. Cabral
silvana_sanogueira@hotmail.com

Profa. pós-graduada e escritora da Academia de Letras Celestin

RESUMO

O ensaio trata do poema “No meio do caminho”, de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1928. Levanta inquietações marcadas pela ambivalência subjetiva não apenas das palavras repetidas, mas dos elementos linguísticos contrastantes. Um dos críticos da obra inscreve a omissão freudiana do poeta marcada pela presença/ausência da pedra/perda, talvez como causa irreduzível de seu desejo. O ensaio se alimenta empiricamente de conceitos teóricos e empíricos resultantes das leituras acumuladas ao oferecer o que é dito, o que não é dito e o que é proibido. O poema esculpe a pedra e esconde a perda nas sombras de seus processos constitutivos como sujeito de falta.

Palavras-chave: Ambivalência. Inconsciente. Sujeito de falta.

ABSTRACT

The essay deals with the poem “In the middle of the way” by Carlos Drummond de Andrade, published in 1928. It raises concerns marked by the subjective ambivalence not only of repeated words, but of contrasting linguistic elements. One of the critics of the work inscribes the poet’s freudian slip marked by the presence/absence of stone/loss, perhaps as an irreducible cause of his desire. The essay empirically feeds on theoretical and empirical concepts resulting from the accumulated readings when offering said, unsaid and forbidden. The poem

sculpts the stone and hides the loss in the shadows of its constitutive processes as subject of lack

Keywords: Ambivalence. Unconscious. Subject of lack.

RESUMEN

El ensayo versa sobre el poema “En medio del caminho”, de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1928. Plantea inquietudes marcadas por la ambivalencia subjetiva no sólo de las palabras repetidas, sino de los elementos lingüísticos contrastantes. Uno de los críticos de la obra inscribe la omisión freudiana del poeta marcado por la presencia/ausencia de piedra/pérdida, quizás como causa irreductible de su deseo. El ensayo se alimenta empíricamente de conceptos teóricos y empíricos resultantes de las lecturas acumuladas al ofrecer lo dicho, lo no dicho y lo prohibido. El poema esculpe la piedra y oculta la pérdida en las sombras de sus procesos constitutivos como sujeto de falta

Palabras clave: Ambivalencia. Inconsciente. Sujeto de falta.

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra
Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra.

Carlos Drummond de Andrade

Quase biografia

Nascido em 31 de outubro 1902 em Itabira, interior de Minas Gerais, Carlos Drummond de Andrade foi um dos maiores nomes da poesia brasileira. Sua primeira infância foi vivida no interior, em Itabira, ao lado dos pais, os proprietários rurais Carlos de Paula Andrade e Julieta Augusta Drummond de Andrade. Muitos anos mais tarde, Drummond viria a dar o segundo nome da filha em homenagem a sua mãe. Aos 14 anos, Drummond foi para Belo Horizonte onde estudou em um colégio interno. Em seguida, mudou-se para Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, em busca de melhores oportunidades de ensino, fez curso superior e, em 1921, investiu na sua carreira jornalística e literária. Na vida pessoal, o poeta se casou em 26 de fevereiro de 1926 com Dolores Dutra de Moraes e foi pai de Maria Julieta Drummond de Andrade e de Carlos Flávio Drummond de Andrade. Por uma tragédia do destino, o menino sobreviveu apenas por meia hora. O poeta faleceu no Rio de Janeiro em 1987. Há quem diga que a sua morte tenha sido de alguma forma influenciada pelo falecimento do filho, que partiu doze dias após o nascimento. Entre janeiro e fevereiro de 1927 foi encomendado a Drummond um poema para o primeiro número da Revista de Antropofagia e, nesta ocasião, ele havia perdido um filho poucos dias após o nascimento. Imerso na sua tragédia pessoal, enviou o poema *No Meio do Caminho*². Em forma de carta simbólica, endereçou-o a revista e não a ninguém, possivelmente um grito lançado advindo da sua ânima. O referido poema foi publicado em 1928.

² Versos livres e prosaicos e faz uso irreverente da linguagem coloquial, quando troca o verbo ter por haver e mostra a realidade da linguística brasileira.

INTRODUÇÃO

No meio do caminho causou polêmica no entremeio da literatura nacional tendo recebido desse campo duras e contundentes críticas. Inicialmente, consagrando-o em *poiésis*, ao mesmo tempo, recebeu epíteto, qualificação injuriosa, em que se indagava: *que poeta é esse que faz simulacro a pedra?* Seus acusadores, incisivos, em grande medida, eram conservadores e defendiam um estilo poético em que a métrica, a rima e a estrofe obedeciam a uma modalidade conferida entre os literatos. Diziam: “Céus! Hoje não se faz métrica e rima como nos velhos tempos!”

Esse poema curto provocou desassossego e carregou uma dimensão ambivalente, de *nonsense* e de enigma a ser decifrado. Em entrevista, Gilberto Mendonça Teles³ sobre questões de poesia e de crítica argumenta:

A repetição é aí quase absoluta e faculta toda espécie de recriação por parte do leitor. [...] sua estrutura se auto-organiza pela repetição, não de palavras, mas de [...] uma cadeia de elementos linguísticos contrastantes.

A citação chama a atenção pela repetição recorrente de recursos linguísticos. Observa-se no poema a sintaxe como mecanismo de interação lírica, como jogo, e a língua como móbil. Em meio as análises de poetas, Drummond ganha notoriedade e o mundo começou a ler o poema, os leitores movidos pelo enigma da esfinge: *amo-te ou devoro-te* mostraram-se

³ Cf. Questões de poesia e de crítica com Gilberto Mendonça Teles. Rio de Janeiro, 10.dez.2012. Entrevista concedida a Rosemary Ferreira de Souza. In: SOUZA, Rosemary Ferreira. TELLES, Gilberto Mendonça. O teórico sublinha o fato de a palavra pedra conter as mesmas letras da palavra perda (trata-se da presença da hipértese, uma figura de linguagem). O poema teria sido então uma espécie de túmulo para o filho e, também, uma lição de como Drummond escolheu processar esse triste acontecimento pessoal. **EVELL – Revista de Estudos Literário da UEMS**, ano 4, v. 2, n. 7, Temática Literatura e Marginalidade: Reflexões sobre o cânone e a crítica literária. ISSN 2179-4456. Campo Grande, UEMS, 2014. P. 161-166

ambivalentes e essa obra literária foi amada e odiada, em que o bem e o mal se amalgamaram numa relação de amódio.⁴

Por outro lado, o poema que, no princípio, foi considerado pequeno, passou a ser considerado gigante quando despertou admiração na fala de diversos artistas, escritores dos mais distintos campos do conhecimento e críticos da contemporaneidade. Sua obra fornece aos jovens escritores valiosa contribuição sobre a temática, a exemplo de João Cabral de Melo Neto, que a cunhou de referência no estilo de criação poética de preciosidade lírica e que medeia a pulsão de vida e contradições da realidade moderna. Mário Quintana asseverou ser o poema uma das possibilidades capaz de fazer transformar o status social da nação quando disse: “aquela pedra foi um marco histórico na poesia brasileira”. Ainda assim, a fala da crítica literária fazia coro nas falas que se seguem: *Trata-se de um poema descartado como lixo e cultivado como joia! Não há por onde entender o sentido do caminho, se por um lado aprisiona essa bendita pedra, ao mesmo tempo a escapa!*

As críticas, assim como os elogios, se sucederam. Drummond, no entanto, não solicitou explicações, não justificou, tampouco defendeu sua criação poética e reagiu organizando uma célebre coletânea nomeada de: “Uma Pedra no Meio do Caminho – a biografia de um poema”. Pode-se pensar que o fenômeno mais fecundo dessa epopeia é que “Uma Pedra no Meio do Caminho” é aclamada, e o desejo emergiu revelando-se em ato quando anuncia a contradição do seu tempo.

Assim posto, doa-se ao leitor este artigo para que encontre nestas letras um jeito de retirar os véus latentes e manifestos do discurso poético em que o caminho tinha uma pedra e esse caminho não se vislumbra em linha reta, mas, caminha sem cessar em curvas subjetivações da natureza drummoniana.

⁴ Em seu Seminário mais ainda, Lacan produz o neologismo “amódio”. O ódio e o amor não são na sua inteireza o bem e o mal, mas uma tentativa de aproximação.

A descoberta freudiana postula que somos, para nós mesmos, sujeitos barrados e movidos pelas formações do inconsciente⁵, os quais são analisados como discursos bem-sucedidos. Para a psicanálise, o sujeito é submerso pelas formações do inconsciente que se mostram, por meio de atos falhos, chistes, fantasia, sonhos, sintomas, esquecimentos e, assim, revelam a verdade do seu desejo. Faz-se fundante resgatar o conceito de *Alétheia* – palavra grega que designa *verdade* no sentido de desvelamento, ou seja, trata-se de uma verdade dita por detrás e que *verdade* e realidade se encontram em processo de simultaneidade.

Num exercício à luz da psicanálise, pode-se pensar que o poema poderia estar resgatando as lembranças guardadas no entrelugar do presente-ausente do poeta no momento em que escrevia o texto, ou seja, logo após a partida do seu filho e, ainda, poderíamos indagar: acobertadas como véus, nas utopias, nas palavras acinzentadas e repetidas do poema?

Lacan (1973), no seu texto *A Televisão*, abre sua entrevista com a famosa afirmação:

Sempre digo a verdade: não toda, porque dizê-la toda não se consegue. Dizê-la toda é impossível materialmente: faltam palavras.

Para a psicanálise, *o inconsciente é estruturado como uma linguagem* e, portanto, é impossível a fala dizer tudo, sempre fica algo por dizer, considerando nossa condição de sujeito da falta e da incompletude. O poeta sabe, assim como o psicanalista, da impossibilidade de se dizer a *verdade* toda, sabendo-se que, por estar no campo do simbólico, a linguagem não dá conta de tudo por ocupar o lugar da castração, do significante e, dessa maneira, algo ficará no indizível.

⁵ O sujeito encontra-se num outro campo, no campo simbólico, não se constitui como unidade, é sujeito dividido, cindido, falante, faltante e incompleto e traz nas suas formações do inconsciente o sonho, o ato falho, o chiste, fantasia, sintoma os quais estão assujeitados ao inconsciente.

A fala e a escuta poética são atravessadas por processos subjetivados e resistem à explicação. E é essa resistência da poesia que possibilita ressoar na sociedade não apenas pelo dito, não dito e interdito, mas também pelo silêncio e, no caso do poema, fez-se ressoar sobre o caminho, sobre a pedra... Observa-se que, quando um dos versos do poema anuncia que *nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de minhas retinas tão fatigadas*, ele transmite um sentimento de vagar e do acontecimento que ficará sempre na memória do poeta.

O teórico Gilberto Mendonça Teles⁶ sublinha:

O fato da palavra pedra conter as mesmas letras da palavra perda (trata-se da presença da hipértese, uma figura de linguagem). O poema teria sido então uma espécie de túmulo para o filho e uma lição de como o Drummond escolheu processar esse triste acontecimento pessoal.

É possível que esse ato falho, ou seja, a letra R da palavra perda ter sido trocada de lugar e se constituiu pedra e esse ato falho pôde gerar a conotação de recalcar seu sofrimento psíquico posto que os significantes perda e pedra têm distanciamentos de sentidos, mas há aproximações semânticas, no sentido de tentar encontrar o objeto perdido?⁷

A palavra pedra em latim significa *petra*: corpo duro e compacto que formam as rochas, enquanto perda vem do latim *perdita*: algo que deixou de ter, *perdere*: perder pode dar a conotação de não ter mais. Para a psicanálise, o ato falho é um discurso bem-sucedido e, possivelmente, para Drummond era preciso escrever esse poema, num deslizamento, ou seja, era preciso se fazer com a memória escrita e era preciso escrever, escrever logo, para que a perda/pedra cunhada na escritura estivesse presentificado como registro escrito.

⁶ A nota 2 explica a presença de Gilberto Mendonça Teles sublinhando questões poesia e de crítica a propósito do poema No meio do Caminho, de Carlos Drummond de Andrade.

⁷ Essa noção enigmática da psicanálise ganha um novo sentido na leitura lacaniana porque define a falta do objeto como uma operação articulada em três níveis sincrônicos: real, simbólico e imaginário, nos quais entram em cena: o sujeito, o objeto e o Outro.

Dessa deambulação psíquica, Drummond tenta se aproximar dessa perda/pedra, na ilusão de que poderia a encontrar no caminho, porém esse objeto escapou, é perdido. A presença da ausência será a sombra da pedra que passa a ter estatuto de perda, causa irreduzível do desejo. Perda é o sofrimento psíquico encontrado nas entranhas, isto é, dentro, no seu interior, na sua ânima e, assim, a pedra encontra-se fora, na exterioridade, no caminho da letra da vida e essa âmbula pode ser representada pela Fita de Moebius⁸. Ou seja, esse afeto⁹ caminha metaforicamente na Fita em um ritmo de busca incessante, deixando marcas fundantes na sua estrutura psíquica. Então, é preciso ver e sentir a pedra do caminho como um marco da dor e da delícia do lugar onde estamos, para onde vamos e onde pretendemos chegar. A pedra também fará parte da nossa história real, simbólica e imaginária¹⁰.

CAMPO EMPÍRICO: FALAS DAS AUTORAS¹¹ SOBRE O POEMA

Na época da pré-história, era comum os homens usarem as pedras e paredes das cavernas para deixarem seus registros e suas inscrições, bem como registrar, em forma de desenhos, os acontecimentos. Essa forma de

⁸ Uma Fita de Moebius é um espaço topológico obtido pela colagem das duas extremidades de uma fita, após efetuar meia volta numa delas. Deve-se o seu nome a Auguste Ferdinand Moebius, que a estudou em 1858.

⁹ Qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável, ou seja, expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 9)

¹⁰ Diz respeito ao nó borromeu: real, simbólico e imaginário. No Seminário XXII do RSI, Lacan através do matema configurado por três elos enodados de forma borromeana. Se um dos elos se rompe, os demais se soltam. O estudioso teoriza que o sujeito está estruturado tomando como referência esses três registros.

¹¹ As formações discursivas das autoras presentes neste ensaio são advindas das suas experiências acumuladas sobre a obra do autor e do percurso docente, epifania que ilumina o campo teórico do referido estudo. São, portanto, postulados ainda não postos em letra de forma, individual ou coletivamente, se materializando nesta publicação. Referimo-nos às citações Antônia G. Fouyer, Maria de Lourdes Soares Ornellas, Mirian Nogueira Romão, Adélia Nogueira Neta, Ana Maria Nogueira, Silvana M. L. Cabral, Juliana Nogueira Silva, Lucia Neide Nogueira e Nasilda Nunes Nogueira Leite, articulistas deste ensaio.

comunicação contribuiu como ponto de referência para pensar no significativo pedra e nos ajudar a lembrar dos desafios e das situações em que a humanidade passa na trilha do tempo e que marcaram a nossa história.

A contribuição dos estudos sobre o espaço geográfico muito tem contribuído para o entendimento dos povos, suas lutas, inscrições e resistências. Nesse campo, convidar para esse debate o geógrafo Milton Santos, geógrafo brasileiro, considerado por muitos como o maior pensador da história da Geografia no Brasil e um dos maiores do mundo, é de grande valia. Nessa aposta, Antônia G. A. Fouyer socializa nesse artigo que, em recente visita à Serra da Capivara/ Piauí faz uma narrativa singular: *senti o sussurrar, o falar e até o gritar das rochas contando ou narrando o seu nascimento, sua evolução e sua importância para os grupos humanos da pré-história aos dias atuais*. Acrescenta que pôde associar ao período em que estes povos surgiram pela disposição de suas camadas e, conseqüentemente, o processo da erosão. *Segundo a estudiosa, “tudo é contado por elas mesmas, cabendo a nós pobres mortais, interpretar”*.

Vale pontuar que a estudiosa aqui citada é doutora em geografia, escreve, ensina e teoriza sobre inúmeros temas, como a epistemologia da Geografia, a globalização, o espaço urbano, entre outros. Assim posto, falar sobre a pedra de Drummond é para a autora um saber pautado nesse campo do conhecimento.

Milton Santos¹² diz: “o geógrafo antes de tudo é um filósofo, e os filósofos são otimistas, porque diante deles está a infinidade”, corroborando com o olhar perscrutador de Antônia Fouyer.

¹² Era assim que Milton Santos definia a ciência para a qual dedicou a vida. Destacando-se internacionalmente e vivido durante muitos anos fora do país, ele nunca perdeu o Brasil de vista em suas análises. Seus primeiros livros e teses escritos tinham como perspectiva o território da Bahia, onde nasceu, depois o do Brasil e, em seguida, abordou as áreas dos países latino-americanos. Cf. Entrevista com o professor Milton Santos concedida a equipe da Princípios. Princípios, São Paulo, 1998.

Penso ser fundante acrescentar que a escuta não apenas se aplica ao reino animal, mas não podemos perder de vista que, se há um veio sensível, por parte do geógrafo, antropólogo e historiador, é possível realizar uma escuta ao reino mineral, sim. Costumamos escutar o que se faz necessário para *construir um caminho de pedra e que sirva de escada para chegar no lugar desejado*. Trata-se de uma frase que nos remete a várias indagações, ideias e inspirações, o quanto uma pedra no caminho pode suscitar, refletir a trilha na busca de vislumbrar utopias. No entanto, ao surgirem pedras no caminho, o sujeito é acometido de desassossego. Maria de Lourdes Soares Ornellas acrescenta: “quando isso acontece, é preciso, o sujeito construir laço social para seguir em frente”. A pedra no meio do caminho é uma outra tentativa no sentido de o sujeito individual de mãos dadas com o social poder alcançar as suas conquistas imediatas e históricas.

É possível que a saída digna não seja a queixa, o lamento, mas experienciar a aproximação com a pedra para constituir nessa relação sujeito *versus* objeto, visando trilhar um caminho, levando-se em conta que ele pode ser prazeroso e ou desprazeroso, porque o importante é a disposição de caminhar. É nessa ideia que Mirian Nogueira Romão indaga que se o poema nos traz uma importante reflexão sobre nossa jornada da vida: “o que fazer com as pedras que encontramos em nosso caminho?”. Por mais simplório que o poema possa parecer, sua profundidade se reflete em nossas experiências. São inúmeras as “pedras” que encontramos em nosso caminho, *todavia* os caminhos nos desvelam a evolução a ser construída.

A discussão sobre a temática pedra nas mais diversas leituras baseadas no texto de Drummond é de fato muito enriquecedora, de acordo com a leitura e análise de cada leitor. Adélia Nogueira Neta postula: “A pedra na vida da pessoa

ora pode funcionar como obstáculo ora como possibilidade”. De forma literal, é preciso saber reaproveitar na sua trajetória de vida agora, observando um outro sentido e importância em que pedras não representam apenas transtornos, mas também soluções. Sócrates (1871) asseverou: “transforme as pedras que você tropeça nas pedras de sua escada”, remetendo que a vida é feita de obstáculos e superações. Quando encontramos uma pedra no meio do caminho, somos nós que decidimos o que iremos fazer com ela. Uma das autoras deste artigo, Ana Maria Nogueira, complementa: ladrilhar o caminho na inconstância de tropeçar nela, ou apenas guardá-la, observar vez ou outra e compreender que, mesmo sendo uma pedra grande e pesada, nunca devemos perder o prazer de viver, fazer delas mais um degrau para subir. Em muitas situações, tentamos fazer consertos e remendos em nossa vida, mas na verdade é preciso recomeçar.

PEDRAS QUE NÃO FICARAM APENAS NO CAMINHO

A pedra é vista no poema como a marca para encontrar o caminho, e a repetição dos versos decanta o dia a dia da vida em que emergem pedras grandes, médias e pequenas, apresentam multiformas e cores, e nos convidam a direcionar a rota, nos fazem parar, tropeçar, sentar, pensar, ornar etc. Nesse sentido, Silvana M. L. Cabral, outra autora deste escrito, ratifica na sua assertiva: *todos nós encontramos pedras no meio do caminho, e que saibamos ainda com essas pedras enfeitar nosso jardim.*

As pedras servem de adereços para os processos criativos no sentido de embelezar espaços, o que expressa o entrelugar da ambiência humana que, de mãos dadas com o mineral e o vegetal, ocupam lugar e posição de destaque na produção artística. Esse corpo duro e compacto que se forma a rocha foi na antiguidade bastante utilizado em construções antigas e, na contemporaneidade, observa-se a presença desse mineral sólido em revestimento de paredes, pisos

e túmulos, a exemplo do que podemos perceber nas ruínas do Castelo Garcia D'ávila, na Praia do Forte em Mata do São João, na Bahia.

Na culinária, panelas de pedra-sabão também são um artefato originado há milhares de anos e foi um dos primeiros materiais utilizado pelo homem e pela mulher para cozinhar alimentos desde que começaram a dominar o fogo e a cozinhar seus alimentos.

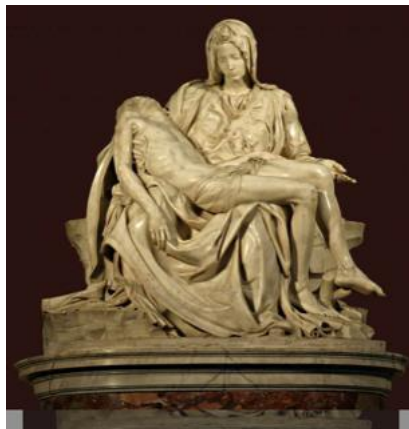
A pedra serve de base para a montagem de instrumento musical e, para a classe dos músicos, essa modalidade fornece uma sonorização de alta resolução.



13

A história da escultura, uma das mais antigas formas de arte, é considerada para os estudiosos do campo como o quarto tipo de arte. Nomeia o conjunto das manifestações artísticas e remete à idade paleolítica, ou da pedra lascada. Desde essa época, já são feitas esculturas e estátuas representadas de forma tridimensional e são consideradas uma boa forma de expressar um afeto, a religião. Um belo exemplo é a célebre escultura em mármore (pedra originada do calcário) do Renascimento. Pietà, que significa piedade, obra do artista italiano Michelangelo, datada de 1448 e 1499. Trata da Virgem Maria segurando o corpo morto de Jesus Cristo, depois de ter sido crucificado, está localizada na Cidade do Vaticano, na Basílica de São Pedro.

¹³ As imagens utilizadas neste artigo foram tiradas da internet, de domínio público, com a exclusiva finalidade de ilustrar os conteúdos abordados.



As pedras preciosas são cristalinó raros. Historicamente, causaram deslumbramento e fascínio ao afeto de homens e mulheres, talvez pelo brilho reluzente associado à variedade de cores. No decorrer da história da civilização, percebe-se uma diversidade de pedras que variam tanto em forma quanto em tamanho, cores e valores.

A história das pedras preciosas data das primeiras civilizações às quais foram atribuídas propriedades mágicas e místicas. Os mesmos processos geológicos que criam, dão forma à terra, também geram situações de temperatura e pressão que combinam elementos em pedras preciosas. A exceção, são as gemas orgânicas, como pérola e coral, feitas por seres vivos, caracterizadas como minerais. A pedra preciosa tem uma curiosidade, posto que ela é o resultado da fossilização orgânica da madeira e do carvão e, assim, é especificada como vegetal e animal.



A pedra em estado de fricção com outra tem a capacidade de produzir fogo e causar faísca. Maria de Lourdes Soares Ornellas revela que *essa prática é milenar e foi/é bastante utilizada pela cultura dos povos indígenas. Eles transferiram esse costume para a aldeia, através de várias gerações, passando às gerações o poder que a pedra tem, considerando que o fogo para essa comunidade é de grande utilidade, pois serve para o preparo do alimento, afugenta a escuridão, apazigua o frio, aquece os afetos e tantas outras utilidades necessárias à sobrevivência humana primitiva.* Complementando essa assertiva, Antônio G. A. Fouyer diz: *essa prática era utilizada muito pelos mais antigos, que costumavam acender um objeto chamado de tabaqueiro, uma espécie de isqueiro que, sob a fricção de pedras, soltava faíscas e queimava o algodão, processo que fazia emergir chamas.*

A pedra preciosa de nome diamante é feita de carbono, é a mais preciosa das pedras e se tornou o símbolo da durabilidade e da constância. Ela simboliza também o amor eterno, o compromisso e seu brilho translúcido reflete a verdade e a pureza.

Juliana Nogueira Silva corrobora com essa leitura e afirma: *considero mais fantástica e admirável de todas o diamante, uma joia de grande valor, é formado no interior da terra. Para se chegar à condição de uma pedra valiosa, necessita submeter-se a dois processos: o primeiro, chama-se "pressão", e o segundo, "altas temperaturas" nos quais a pedra é submetida para emergir sua preciosidade no que concerne à resistência e ao brilho, fenômeno que*

nomeamos de lapidação. E conclui associando a pedra ao humano, que as lutas e resistências da humanidade se espelhem no processo de formação do diamante: fortaleçam a força e a saga na conquista dos seus objetivos.



A geógrafa Antonia G. A. Fouyer por meio da foto abaixo sublinha a descrição da história dessa arte: *artesãos, inspirados, trabalhando com pó de pedra, originado de sucessivas erosões desde o Período Paleolítico, produto bastante utilizado para os artesãos em que junto aos processos criativos atijam a arte, a técnica e estética, gerando trabalho e renda.* Nos aventuramos a dizer que a vida é comparada a uma pedra bruta, depende de cada sujeito, ou seja, o estilo criativo que inscrevem sua vida cotidiana, o desenho e a forma até chegar ao processo de lapidação, mesmo assim, pontua Maria de Lourdes Soares Ornellas: *ainda ficam arestas por lapidar porque somos sujeitos da falta e, nesse processo, podemos dizer que uns se permitem lapidar, outras tentam, e outras tantas oscilam na ambivalência entre desejo de transformar o bruto no belo e no estético.*



ARREMATANDO EM DEBRUM O QUE FIZEMOS COM A PEDRA NO MEIO DO CAMINHO

Após discorrer sobre o poema de Drummond e o que o homem e a mulher fizeram de útil com a pedra, podemos arrematar em debrum algumas letras inconclusivas: Pedra é um significante potente porque faz parte da história em todos os momentos e por essa amplitude oferece uma variedade de análises e interpretações. Nesse sentido, Silvana M. L. Cabral retoma parte da história e discorre: *pedra que serviu de morada aos homens da caverna, pedras que iluminaram o homem do Período da Pedra Lascada para a construção de ferramentas e serviram de arma a Davi para matar o Gigante Golias. Pedras que deram a Drummond o poder de usá-las como anáfora em seu poema por meio da repetição de frases que as presentificam.*

Muitas vezes, passamos por momentos difíceis na vida cotidiana e somos evocados a ter um coração de pedra. É preciso escutar a dureza e a cor da nossa vida afetiva, exercitar a leveza para saber conviver bem com os altos e baixos que a vida nos proporciona. Adélia Nogueira Neta se assenta e nos diz em uma frase curta, porém intensa: *“em todos os casos, a diferença não era pedra, mas o homem”*. A autora prossegue na sua leitura quando afirma que *a pedra é a matéria prima, seja ela de qual tipo seja, o homem e a mulher são seres*

pensantes, capazes de criar possibilidades para apenas não ser o lobo do homem (Hobbes), mas também provocar mudanças no planeta Terra.

No mesmo cenário em que a vida afetiva apresenta desassossegos e adversidades, cabe a cada humano refletir a fala de Lúcia Nogueira Leite: *diante do mal-estar que a vida cotidiana nos apresenta o sensível se transforma em algo duro, tal a pedra. O que possibilita reverter esse estado, trabalhar as relações de si e do outro, respeitar as diferenças, as individualidades e tentar lapidar o que atormenta a existência subjetiva.*

O poema de Drummond é uma produção literária que dá margem às múltiplas interpretações, dentre elas a de que a pedra nos sugere talvez a possibilidade da resolução de um problema. Para Juliana Nogueira Silva, *precisamos entender que o obstáculo faz-nos avançar se houver vontade de ascender e pode nos levar a outros espaços de interlocução. Precisamos ter a coragem de não retirar a pedra do caminho, mas olhar para ela sob vários ângulos,*



Em meio a narrativas sobre a pedra, a autora Mirian Nogueira Romão nos oferece um fragmento da letra da canção *Águas de Março*, de Antônio Carlos Jobim, interpretada por Elis Regina.

[...]
É o pau, é a pedra, é o fim do caminho
É um resto de toco, é um pouco sozinho
É um caco de vidro, é a vida, é o sol
É a noite, é a morte, é um laço, é o anzol (...)
Passarinho na mão, pedra de atiradeira
É uma ave no céu, é uma ave no chão
É um regato, é uma fonte, é um pedaço de pão
É o fundo do poço, é o fim do caminho (...)
É pau, é pedra, é o fim do caminho
É um resto de toco, é um pouco sozinho
É um passo, é uma ponte..
[...]

A letra da canção brinca com a palavra pedra e, no final, diz ser um passo, uma ponte, o que pode nos dizer Samara Soares: transformar a pedra numa arte e mostrar ser possível juntar as duas palavras em: pedra-arte. Para integrar essa arte, Ana Maria Nogueira resgata Guimarães Rosa: *quem elegeu a busca, não pode recusar a travessia...* A autora resgata nesse instante o grande poeta: *O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta.* Pensar nesse estilo é encontrar na arte uma forma de viver sabendo-se que somos movidos pelo prazer e desprazer.

E daí Nasilda Nunes Nogueira Leite indaga: o que seria da humanidade sem as pedras? *As pedras nos fazem evoluir frente as intempéries da vida, o que podem frente ao tropeço a dor, a queda e o luto, nos tornar mais fortes porque haverá um novo dia, um novo jeito de caminhar, que nos impulsiona a fazer dessas pedras um tempo epifânico.*

Sendo um dos nomes mais conhecidos do modernismo brasileiro, Carlos Drummond de Andrade marcou a literatura brasileira por expressar através do poema *No meio caminho*, de maneira inspiradora, as profundas inquietações que atormentam o ser humano. O poema fala da dignidade de um momento em que o poeta aceitou partir um filho e, em contrapartida, permitiu-se parir esse

manifesto em forma de poema que anuncia e denuncia, cada letra, cada palavra, seja a pedra ou a perda, uma escritura salmodiada exprimindo, num estilo epifânico, o que está embaçado nas entranhas da sua condição humana.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1967.

ANDRADE, Carlos. Drummond. Uma pedra no meio do caminho – biografia de um poema. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2010. Reedição ampliada feita pelo próprio poeta e pelo conhecido declamador Eucanaã Ferraz.

DRUMMOND, Andrade Carlos. O poema *No Meio do Caminho* de Carlos Drummond de Andrade é um famoso poema do autor, publicado em 1928 pela Revista Antropofagia, que pertencia ao movimento vanguardista brasileiro que culminou na Semana de Arte Moderna de 1922.

FORBES, Jorge. O princípio responsabilidade: do medo ao desejo. HOLANDA, Aurélio Buarque (Carlos Drummond de Andrade, “Autorretrato. Carlos Drummond visto por Carlos Drummond”. Leitura, Rio de Janeiro, VI, 1943).

FUCS, Rebeca. Revisão do poema *No Meio do Caminho* de autoria do escritor brasileiro Carlos Drummond de Andrade. Doutora em Estudos de Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e pela Universidade Católica Portuguesa de Lisboa (2018).

CANDIDO, Antônio. Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. Inquietudes na poesia de Drummond. [1965]

DIAMANTE, Ciências, 2022. <https://www.significados.com.br>. Acesso em 14 de maio de 2022.

GENESINI, Letícia. O poeta, o sentido e a pedra. In: Revista de Psicanálise Lacaniana, Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2021.

TELLES, Gilberto Mendonça. Entrevista a concedida a Marcos Caldeira Mendonça. In: O Trem. Itabira, 30.jun.2012.

LACAN, J. Televisão. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1973).

LACAN, J: Seminário 11 – Os 4 Conceitos Fundamentais da Psicanálise, Zahar, 1984.

NARVAI, Paulo C. *Drummond, a pedra e a perda*. In Academia Edu, site eletrônico para acadêmicos em formato de redes sociais, criado em 2008.

PEREIRA, Antônio. Poema: a pedra O distraído, nela tropeçou. RAOLFI, Claudia. *Separatas*. Palestra no Café Filosófico da CPFL – TV Cultura, 13 abr. 2007. São Paulo: Instituto da Psicanálise Lacaniana, 2008.

REGINA, Elis. *Águas de Março*, canção brasileira do compositor Antônio Carlos Jobim. 1972.

SANTOS, Milton. *Um filósofo da geografia*. Entrevista com o professor Milton Santos, concedida a equipe de Princípios. Princípios, São Paulo, 1998.